



EXPERIÊNCIAS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO DE ESTUDANTES NEGRAS NO AMBIENTE ACADÊMICO: UMA ANÁLISE DE CASO

Palavras-Chave: discriminação, estudantes universitários, mulheres negras

Autores(as):

MARIANA PEDROZA DE SOUSA, FCHS - PUC-SP

Prof. ALESSANDRO DE OLIVEIRA DOS SANTOS, IP - USP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior sobre as situações de preconceito e discriminação no ambiente acadêmico e as formas de organização dos estudantes universitários negros nas instituições de ensino superior brasileiras (Melo, et al; 2023). No âmbito deste estudo, a presente pesquisa de iniciação científica buscou compreender, especificamente, as situações de preconceito e discriminação experienciadas por mulheres estudantes negras de uma instituição de ensino superior do Estado de São Paulo.

Segundo Santos (2012), o preconceito racial é definido como a manifestação individual do racismo, e refere-se as percepções, juízos e atitudes pré-concebidos sobre pessoas ou grupos de determinada cor-raça. Já a discriminação racial é a manifestação social do racismo, e refere-se a distinção, exclusão e restrição baseada na cor-raça de direitos e liberdades fundamentais do ser humano. A raça é uma construção social, sendo uma categoria que diferencia e hierarquiza as pessoas na sociedade brasileira (Schuman, 2010).

Em diversos ambientes é possível observar manifestações do preconceito e discriminação racial, sendo a universidade um deles. Apesar do aumento do ingresso de estudantes negros nas universidades (Silva, 2013), é comum que esses encontrem um ambiente acadêmico hostil. Essa hostilidade se manifesta, por exemplo, através de xingamentos escritos em portas de banheiros, e por meio da sua exclusão de grupos de atividades acadêmicas e de festas e viagens (Muñoz, et al; 2018).

Como apontado por Santos & Emílio (2021) e Muñoz (et al; 2018), mulheres negras encontram desafios particulares no ambiente acadêmico, tendo em vista o fato de serem atravessadas tanto por seu gênero quanto por sua cor-raça. No entanto, a manifestação do preconceito racial em ambientes universitários ainda é pouco discutida. Há uma escassez na produção acadêmica sobre o tema, especialmente no que diz respeito às experiências e percepções subjetivas de mulheres negras sobre suas vivências.

METODOLOGIA:

Durante o estudo maior foram realizados grupos focais com homens e mulheres estudantes negros com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre temas, como por exemplo: bem-estar na universidade; suporte social das famílias para continuidade do estudo; e situações de preconceito e discriminação. O grupo focal foi utilizado tendo em vista as possibilidades que ele oferece para a produção de dados a partir da circulação e compartilhamento de ideias e experiências de pessoas, reunidas pontualmente para conversar sobre um tema. Trata-se de uma técnica de coleta de dados na qual a interação grupal entre os participantes permite que os participantes explorem um ponto de vista, debatam, mudem de opinião ou busquem fundamentar melhor suas próprias opiniões (Backes, et al; 2011).

Para realização dos grupos focais foi elaborado um roteiro com 08 questões abertas, o qual tinha como objetivo apreender as concepções dos estudantes relacionadas à: (I) Qualidade de vida acadêmica; (II) Suporte institucional; (III) Suporte familiar; (IV) Suporte de coletivos estudantis e (V) Situações de preconceito e discriminação vivenciadas no ambiente acadêmico. Os grupos focais foram realizados no mês de novembro de 2022. Para realização desta pesquisa de iniciação científica foi selecionado um grupo focal composto por 04 mulheres cis, trans, transfemininas e pessoas não binárias que se sentiam mais confortáveis no espectro feminino. Todas as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudo maior do qual essa pesquisa de iniciação científica faz parte, foi submetido e aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, recebendo o número de protocolo 25498319.9.0000.5561.

Após a transcrição do grupo focal e armazenamento no banco de dados do estudo maior, o material foi submetido à análise de conteúdo. Logo, para analisar os relatos emergentes de preconceito e discriminação enfrentados pelas estudantes, houve o agrupamento dos relatos em 03 categorias: (01) experiências de preconceito e discriminação na universidade; (02) sentimentos de não pertencimento produzidos pelo preconceito e discriminação; e (03) estratégias de enfrentamento do preconceito e discriminação. Para a preservação do anonimato das estudantes, elas foram identificadas nesta pesquisa como Participantes 1 a 4.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

(01) Experiências de preconceito e discriminação na universidade

Como apontado anteriormente, a discriminação diz respeito à distinção e exclusão baseada na cor-raça, e fere as liberdades fundamentais do ser humano, podendo ser manifesta de forma implícita ou explícita (Santos, 2012). Os exemplos a seguir demonstram a manifestação de forma implícita da discriminação, como, por exemplo, quando as estudantes são barradas ao tentar acessar determinados espaços e tem seu lugar na universidade questionado:

“Mas já aconteceu de tipo barrar na portaria [da universidade] porque meu crachá não estava passando. Eu mostrando o QRcode [da carteirinha digital da universidade]. E o funcionário: ‘Não. Tem que ser crachá’. E aí vi um aluno branco passando tranquilamente. (...) Fui barrada na biblioteca também.” (Participante 4)

“Eu fui convidada para me retirar da sala de estudo da biblioteca, eu nem percebi. Porque às vezes as questões estão tão naturalizadas e a gente justifica a ação do outro. Só a posteriori que eu percebi que eu tinha sofrido racismo, quando eu reporto ao funcionário da biblioteca e eu pergunto, ‘Pode usar a sala de estudo? Precisa agendar?’, porque eu estava chegando. E ela falou: ‘Não, é só você entrar e usar a sala.’” (Participante 1)

Já o preconceito pode ser definido como as percepções e atitudes pré-concebidas sobre pessoas ou grupos de determinada raça-cor, seja de forma implícita ou explícita (Santos, 2012). As falas selecionadas a seguir exemplificam a manifestação de forma explícita do preconceito, através da reprodução de estereótipos negativos atribuídos às pessoas negras:

“Aí já aconteceu com um funcionário lá no laboratório. Eu estava sozinha e ele virou para mim e falou: ‘sua neguinha’. Eu fiquei em choque, fiquei assim: ‘Gente, é comigo que ele tá falando desse jeito?’. Aí ele: ‘é neguinha’. Aí eu falei: ‘meu nome é (...)’. Aí, ele falou assim: ‘Mas você não é neguinha?’ (...)” (Participante 4)

“A galera fica fazendo piadinha [sobre o cabelo da participante], olhando, e a velha coisa, ‘Nossa, mas você lava?’ ‘Nossa, mas não fica fedendo?’.” (Participante 4)

O uso de “neguinha” de forma pejorativa, assim como a implicação de que o cabelo da participante é sujo, são exemplos de estereótipos negativos associados frequentemente às mulheres negras. É possível notar então que o preconceito manifesto nas frases não diz respeito apenas à condição das estudantes de pessoas negras, mas também ao seu gênero.

(02) Sentimentos de não pertencimento produzidos pelo preconceito e discriminação

Como expresso por Santos & Emílio (2019), no ambiente acadêmico, a percepção de estudantes negros de que elas frequentemente são as únicas pessoas negras a frequentá-lo é um fator que as coloca na posição de “não existência”. A vivência frequente do preconceito e discriminação racial, assim como a predominância masculina em determinados ambientes, faz com que muitas estudantes negras se sintam em desconformidade

com o ambiente acadêmico. Assim, a manifestação de sentimentos de exclusão e não pertencimento, resultantes do preconceito e discriminação racial, torna mais difícil a permanência estudantil de mulheres estudantes negras na universidade. Tais sentimentos podem ser observados nas seguintes falas:

“Eu fico a tarde inteira estudando na biblioteca e eu só vejo homens brancos. O racismo não precisa nem ser alguém me chamando de nomes, só de eu ser a única mulher negra com um monte de homens em volta, isso já me intimida, isso já diz que esse lugar não é meu.” (Participante 3)

“Ou você tá no papel de invisibilidade ou você é vista como uma estranha no local.” (Participante 1)

Ademais, as estudantes apontaram que a sensação de inadequação gerava raiva, a qual era usada por elas como motivador para sua permanência no ambiente acadêmico:

“Eu não quero ter coisas da [nome da universidade], não me sinto pertencente a lugar, faço coisas aqui porque eu sou obrigada a fazer, porque é isso que eu quero, (...) eu entendo também a potência que é estar aqui. (...) Sempre aprendi que se não deixarem a gente entrar, a gente mete o pé porta e entra” (Participante 2)

“Abriram as portas, alguém fez isso aqui acontecer, então você tem que ficar. E eu acho que a minha revolta mesmo é ficar (...). Eu vou ficar vocês querendo ou não” (Participante 3)

(03) Estratégias de enfrentamento do preconceito e discriminação

O preconceito e discriminação racial vividos por mulheres estudantes negras faz com que seja necessário para elas a adoção estratégias de enfrentamento. Entre essas estratégias, se destacam a associação com outros estudantes negros, participação em coletivos estudantis, e busca por serviços de atendimento psicológico, como exemplificam as falas a seguir:

“O coletivo foi muito acolhedor também de elucidar quando surgia alguma demanda de violência, nós nos organizamos no coletivo para saber que medidas tomar, de que modo agir (...). Acho que isso também é fortalecedor (...) estar em coletivo, não bater de frente sozinha” (Participante 1)

“Agora eu estou medicada, por isso que eu consigo ficar aqui, enfim. E agora eu faço terapia e eu consigo ficar, mas eu não sei se se sair seria a solução, antes eu via isso como solução, porque eu tinha crises (...), porque eu não me sentia pertencente aqui, mas depois de uns meses que eu entrei com a medicação, com a terapia, eu resolvi ficar (...)”. (Participante 3)

“Eu não me sentia pertencente a esse lugar, por mais que eu tivesse estabelecido algumas relações bacanas, por mais que eu tivesse sido acolhida no início na aula inaugural. (...) E aí essa questão eu acabei trabalhando na terapia também” (Participante 1)

“Eu tô fazendo terapia, mas eu acho que o racismo aqui é muito forte, muito e essa cidade (...) não acolhe todo mundo, a [nome da universidade] não acolhe todo mundo” (Participante 2).

Apesar da adoção de estratégias por parte das estudantes, é possível averiguar que apenas elas não são o suficiente para abarcar as consequências emocionais da experiência constante do preconceito e discriminação. Isso porque esses não são problemas que podem ser superados com a adoção de uma estratégia única, ou de maneira individual. Nesse sentido, a universidade tem papel fundamental na construção junto com alunos negros de métodos, estratégias e canais que visem à garantia de sua permanência na universidade e sucesso acadêmico.

CONCLUSÕES:

Os relatos emergentes no grupo focal analisado apontaram que, na concepção das estudantes, a universidade ainda é considerada como um ambiente hostil e de reprodução de estereótipos negativos atribuídos às pessoas negras, que alimentam as situações, explícitas e implícitas, de preconceito e discriminação. Essas experiências se manifestam nas estudantes em sentimentos de não pertencimento, exclusão e raiva.

Entre as estratégias de enfrentamento do preconceito racial, a congregação com estudantes que compartilham das mesmas experiências se destacam como as mais adotadas pelas participantes. Ademais, a busca por serviços de atendimento psicológico foi citada por diversas participantes como uma estratégia de enfrentamento dos desafios da vida universitária. No entanto, apenas essas estratégias não se mostraram suficientes para a construção de um ambiente acadêmico menos hostil para as estudantes.

Assim, a promoção e financiamento de coletivos estudantis, programas de capacitação sobre relações étnico-raciais para estudantes, professores e funcionários, e canais de denúncia de preconceito e discriminação, se mostram como ações das universidades que seriam fundamentais para a garantia de um ambiente saudável e acolhedor para estudantes negros.

BIBLIOGRAFIA

MELO, C. V. G.; MUÑOZ, B. L.; ROMIO, J. A. F.; SANTOS, A. O. **The subjective well-being of students at the University of São Paulo at the intersection of race-color, sex, and income in times of the covid-19 pandemic.** International Journal of Human Sciences Research, v. 3, n. 5, 2023, pp. 1-19.

SANTOS, A. O. **Superar o racismo e promover a saúde da população negra: desafios para o trabalho de prevenção ao HIV/Aids no Brasil.** In: PAIVA, V.; AYRES, J. R. & BUCHALLA, C. M. (Org.). Vulnerabilidade e Direitos Humanos. Prevenção e Promoção da Saúde. Da doença à Cidadania. Curitiba: 2012, pp.145-163.

SCHUCMAN, L. V. **Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão.** Psicologia Política. São Paulo: v. 10, n. 19, 2010, pp. 41-55.

SILVA, T. D. **Panorama social da população negra.** In: SILVA, T. D. & GOES, F. L. (Org.). Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes. Brasília: IPEA, 2013, pp.13-28.

MUÑOZ, B. L.; OLIVEIRA, G. L. S.; SANTOS, A. O. **Mulheres negras acadêmicas: preconceito, discriminação e estratégias de enfrentamento em uma universidade pública do Brasil.** Interfaces Brasil/Canadá. Florianópolis/Pelotas/São Paulo: v. 18, n. 3, 2018, pp. 28-41.

SANTOS, A. S. R.; EMÍLIO, S. A. **A mulher negra e a formação em Psicologia. Quais as barreiras existentes?.** Semina: Ciências Sociais e Humanas. Londrina: v. 42, n. 1, 2021, pp. 115-132.

BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** Mundo Saúde. São Paulo: v. 35, n. 4, 2011, pp. 438-442.

TRAD, L. A. B. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: v. 19, n. 3, 2009, pp. 777-796.